

Assignaturas

Anno	800 réis
Semestre	400 »
Brazil	2\$000 »

(Pagamento adeantado)

DIRECTOR — H. Encarnação

Typ.—Largo do Espirito Santo—AVEIRO

O GALLITO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

Redactor e Editor

JOÃO J. GONÇALVES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

LARGO DO ESPIRITO SANTO
AVEIRO

Administrador

Pompílio Souto Ratolla

E' d'abrir e fechar

E' já tradicional no nosso paiz a pouca duração d'um interregno parlamentar, onde depois de debates assanhados sobre questões d'alto interesse para a Nação, se resolve fechar o parlamento sem que ao menos alguns dos assumptos de importancia alli iniciados tenham a sua resolução, ou d'elles provenha a mais pequena utilidade.

E não admira desde que os governos tambem se succedem uns aos outros com a maior facilidade d'este mundo, e todos elles, cada um com o seu programma.

Ha poucos dias foi solememente inaugurada a abertura das côrtes, e tudo levava a crêr que novas medidas de novo programma fossem desde já alli discutidas, tratadas e levadas a cabo com o conhecimento da Nação, que ora converge as suas atenções para a situação actual como a que se dignou subir aos conselhos da corôa nas melhores disposições de vontade e energia de remediar males antigos e implantar systemas de regeneração.

Pois não succedeu assim:

As camaras abriram mas fecharam immediatamente, em presença do acto constitucional que manda dissolver as côrtes e marcar nova epoca para a reinata das eleições lá para o tempo dos banhos do mar.

A ninguem deverá surpreender então que após o novo suffragio, uma vez, de novo tambem, abertas as futuras camaras, qualquer pretexto, qualquer futilidade faça explodir os animos e sem mais tir-te nem guar-te meia volta á direita, rua e porta fechada.

E' este o systema e decididamente bem se lhe pôde chamar:

E' de abrir e fechar.

Esperamos, no entanto, que o presente intervallo de dictadura seja proveitoso ás medi-

das que n'elle se forem resolvendo, o que devemos suppôr da virgindade politica dos homens que actualmente nos governam, e que entraram com os melhores auspicios.

Expediente

Prevenimos os nossos assignantes e amigos que em breve iremos proceder á cobrança do segundo semestre d'este seminario.

Aos que ainda não satisfizeram vamos interromper-lhes a remessa.

Ida e volta a Pecegueiro.—

Por mares nunca d'antes navegados.

As quatro e meia horas da manhã são nos relogios domesticos como uma salva de 21 tiros annunciando as festas. Todos se levantam á hora marcada e tomam a direcção da alquilaria da acreditada Empresa Martinho Girão, Successores. Uma vez alli, depois dos tradicionaes *bons dias*, e de se ter mettido no carro os *farneis* destinados a consolar o ventre, eil-os com malas e bagagens a caminho de Pecegueiro.

Durante a viagem, torna-se-nos impossivel descrever a série de *peripecias* porque os quatro exploradores—*Manolo, Manoel Maria, Armando C. e Chiquito*—passaram. O *pair-oars* que elles levavam no cimo do carro, causou geral assombro em todos os habitantes das povoações por onde os quatro heroes tiveram de passar,—a uns por nunca terem visto um barco passeando de carro; a outros por ser para elles completamente desconhecido um barco de feições tão bellas.

Uma das coisas que, durante a *caminhata*, foi severamente criticada com justissima razão, e para o que chamamos a atenção do chefe de conservação n'aquella área, é o estado

deploravel em que, entre o kilometro 15 e 32, a estrada real se encontra. Ha pontos impossiveis de transitar, devido ás continuas covas, havendo algumas cuja profundidade excede a 50 centimetros, dándonos, assim, uma amostra muito vaga da fórma como no nosso paiz os negocios publicos são administrados.

Depois de terem arrostado com este impecilho e a poucos passos do kilometro 32, parou o carro e o cocheiro annuncia a chegada a Pecegueiro.

—Que horas são? pergunta o *Manolo*.

—Nove e vinte cinco minutos! responde o *Chiquito*.

—Toca a saltar! diz o *Manoel Maria*.

Imediatamente todos desceram e... mãos á obra; tiraram-se os *farneis* e o fiel companheiro *garrafão*. Em seguida sobe o *Manolo* para o tombadilho do carro, desata as cordas e empina o barco para os outros companheiros lhe poderem chegar afim de o descer. Consummada a obra, ali vão os quatro exploradores com o barco na mão, lançal-o á agua.

O primeiro a saltar para dentro foi o *Armando C.*, o segundo *Manolo*, terceiro *Manoel Maria*, quarto e ultimo (por mais não haver, e não ser preciso, porque muita gente junta não se salva), *Chiquito*.

Eil-nos no rio; as suas physionomias soffreram por completo uma mudança radical: até ahi vinham devéras impressionados com o pessimo e perigoso estado da estrada... Agora não! Nota-se um tom mais agradável, como se uma alma nova lhes tivesse nascido, e o seu coração palpita de alegria por terem chegado ao lugar tão desejado.

Descrever minuciosamente as impressões de tão aprasivel viagem, tornar-se-lhia talvez enfadonho aos nossos leitores, e occuparia uma grande parte das columnas do nosso jornal. Assim, passamos a narrar mui vagamente o passeio dado no Vouga, pelos quatro explora-

dores, de Pecegueiro a Aveiro que jámais os amadores nauticos d'esta cidade puderam emprehender.

A partida fez-se pelas nove horas e quarenta minutos da manhã. Passados eram alguns minutos, sente-se o barco parar, e *Manolo* diz:—Dêmos em secco!

Os exploradores, como que movidos por choque electrico, começam todos ao mesmo tempo,—uns tirando os casacos, outros descalçando as botas, não tardando que elles em fato de banho saltassem para a agua.

Aveiro, 4—6—906.

(Continua).

NUMA FESTA ESCOLAR

A escola é como um templo:
Mixo de aurora e mixto
D'essa harmonia extranha,
Que tinha a voz de Christo,

A luz que ella irradia
Do seu calor profundo,
E' como a luz do dia,
Que fortalece o mundo.

Sente-se o doce aroma
Da flôr da amendoeira,
Quando um sorriso assoma
Aos labios purpurinos
Da suave multidão,
Que tem cantos divinos
No nosso coração!

Poetas! Sonhadores!
Vinde cantar comigo
Esta mansão das flôres,
Primeiro e santo abrigo
Dos fortes luctadores.

Joaquim d'Araujo.

SOUTO RATOLLA

AVEIRO

RUA D'ENTRE-PONTES

Medalhas em ouro e prata, commemorativas das festas de Santa Joanna e Club dos Gallitos.

Exclusivo d'esta casa.

Espiritos e phantasmas

(Traducção)

Os phenomenos que acabamos d'indicar summariamente, dariam materia para um grosso volume.

Limitar-me-hei a recordar o caso celebre de sir William Croches que viveu, ha 35 annos, cada dia durante muitas horas, com uma encantadora joven que dizia chamar-se Katie King e ter vivido nas Indias.

Katie apparecia, devido a uma joven de 15 annos, miss Florence Cook, que se não pareciam nada a ponto d'uma ter cabello preto e a outra louro, e sendo ambas auscultadas successivamente pôde-se verificar que differiam pelo estado dos pulmões e rythmo da respiração.

Tissot, o celebre pintor, descreve n'uma carta a um dos seus amigos a sessão a que assistiu:

... Depois de jantar, dirigimo-nos para a salla das sessões.

Somos poucos. O gaz apaga-se.

Escuridão completa.

Em breve, no quarto escolhido para a experiencia, o medium entra, e senta-se.

De vez em quando, levanta-se, passeia muito agitado, caminhando na escuridão perfeitamente, e em seguida senta-se perto de mim, n'uma cadeira bastante baixa e adormece.

Alguns momentos decorrem a esperar e a conversa termina.

Dizem-me do lado:

— «Duas luzes perto de vós, snr. Tissot, dois vultos... Oh! quanto é bello.

— «Posso observar?

«Oh! Sim! E' Katie e o guia.

«Com effeito volto-me sobre a direita, aperto as mãos dos meus visinhos da direita e esquerda, na minha mão esquerda, para poder voltar-me mais facilmente.

«Vejo então um formoso grupo illuminado por uma luz um pouco azulada.

«E' um homem d'aspecto um pouco indiano, conduzindo uma mulher que é Katie.

«Exclamo em voz baixa:

— «Quanto é bello! E' mais bello do que julgava.

«E' bem Katie!

«Observo tudo, as pregas dos vestidos, as mãos.

«Uma das mãos do homem, aproxima-se de Katie, como para melhor a illuminar; com a outra cinge-lhe os vestidos.

«Emquanto observava esta scena, eis que Katie, curva-se e abraça-me.

«Sinto uma pelle macia como a d'uma creança; a epiderme parece-me quente e viva.

«Ergue-se, depois torna a curvar-se e dá-me um beijo.

«Em seguida retira-se lentamente, e desaparece.

«Foi observada por todos os assistentes segundo o logar que occupavam; uns de perfil, outros de frente.

«Eis o que se passou».

Ha n'esta occasião em S. Francisco (California) um notavel commerciante d'origem franceza, chamado Miller, que é um medium extraordinariamente poderoso.

O effeito que produziu, não causou admiração na America, mas os sabios de além-mar desejavam trazer a convicção ao espirito dos sabios francezes, e recebi um amavel convite do professor Willy Reichel, dando-me todas as facilidades para ir estudar-o no proprio logar, visto a experiencia ter demonstrado, por muitas vezes, que os novos ambientes, paralyam por algum tempo as faculdades do medium.

O convite foi-me transmitido por um dos meus amigos intimos, M. Vau Nailleu, fundador e director da Escola de Engenheiros de S. Francisco (que é analoga á nossa Escola Central). Era acompanhado de uma carta datada de 18 de Fevereiro de 1905, na qual me dizia que antes de m'induzir n'esta aventura, queria dar conta exacta da realidade de estes factos.

Eis algumas passagens d'esta carta, na qual se veem as minuciosas precauções tomadas:

«Propuz a principio a minha casa para as sessões, mas foi impossivel encontrar um quarto, em que se podesse formar o gabinete com uma cortina, sem que houvesse no gabinete uma porta ou janella.

«Dirigimo-nos ao Palace-Hotel, onde escolhi um quarto que me pareceu favoravel á installação nas condições de segurança que desejava.

«Escolhido o local, procurei os Drs. Carl Reuz e Burgeu a

que agreguei o meu professor de electricidade, não querendo incorrer só na responsabilidade, d'uma experiencia tão importante.

(Continua).

Syllogismo

Quando eu era pequenino
Perguntei a minha mãe,
Como é que a gente nascia,
Como nascera eu tambem.

E minha mãe respondeu-me:
— Como és curioso, creança!
Appar'ceste cá em casa
N'um cesto vindo de França.

Um dia, ouvi minha tia
Fallar n'um homem francez;
— Francez o que é, tiasinha?
Perguntei eu d'esta vez.

— Este pequeno, senhores,
De perguntas não se cança;
Francez, menino, é o homem
Que nasce em terras de França.

Pensei e respondi logo:
— Minha tia, eu sou francez!
— Que disparate, menino,
O menino é portuguez.

— A mamã diz que de França
Eu vim n'uma condeinha;
Quem nasce em França, é francez,
Eu sou francez, tiasinha.

Urbano de Castro.

AO CORNER DA PENNA

XVII

Paulo Montegazza nos esboços das mulheres europeias, faz referencias ás italianas, francezas, hespanholas, allemãs, inglezas e russas. As portuguezas, nem ao menos tiveram as honras da referencia da parte do escriptor italiano, nem tão pouco do traductor da sua obra o snr. Candido de Figueiredo.

Nada ha que possa justificar esta falta, demais que o traductor em nada refutaria a opinião do auctor, com uma nota a mais, nota bem merecida e justa, porque as mulheres portuguezas teem até hoje merecido as melhores referencias não só encaradas pelo lado psicologico como pela sua belleza, figurando ao lado das mais elegantes e formosas do mundo.

Se na Italia ha mulheres trigueiras, em Portugal ha-as morenas, com olhos negros e pelle doirada pelo sol. Temol-as cá no genero Romano, verdadeiras heroínas e capazes de fazerem uma revolução. Só quem ainda não visitou o nosso paiz, é que não pôde julgar das mulheres portuguezas e da

sua belleza. Italia, pôde ter boa musica, mais nada.

As francezas são mais instruidas e fallam a sua lingua como feita expressamente para ellas.

Se as hespanholas são rai-nhas e a sua belleza excede a todas as mulheres por terem mãos e pés pequenos, olhos grandes *que parecem janellas abertas*, em Portugal tambem as ha, que embora não tenham olhos *que pareçam janellas abertas*, os tem que parecem *postigos*, brilhando como diamantes encastoados em joias de subido valor.

Se ás inglezas pertence o typo loiro e por isso se julga uma mulher perfeita, quantas não temos nós com cabellos côr d'ouro que por cada fio dariamos uma parte da nossa vida?

Emquanto ás rassas, pouco mais diz do que das portuguezas. Quasi nada. Se é bella e instruida, reúne em si as ter-riveis seduções da mulher. Sem duvida alguma, porque nunca se pôde encontrar uma mulher indifferente, quando é bella e instruida.

Tanto a italiana como a franceza, são pouco feis; a hespanhola muito ignorante (?) ciumenta (esta parte sim). A allemã ingenua, boa governanta de casa e estudiosa, que se parecem com o homem. A ingleza, um tanto hypocrita. A russa... é de grandes mudanças continuas.

Vemos n'este pequeno resumo que nada ha que justifique a excepção feita ás mulheres portuguezas; nem mesmo se as encararmos pelo lado da instrucção, pois com excepção das formosas, porque temos perdicção especial, julgamos com todos os fundamentos que a mulher portugueza rivalisa com todas as da Europa. A mulher portugueza é verdadeiramente caracteristica e o seu trajo verdadeiramente original, que lhe dá a superioridade a todas as outras mulheres a quem uma boa parte do vestuario deforma por completo os dons naturaes. A mulher portugueza, é firme a fiel o que não acontece ás italianas e ás francezas. A hespanhola, é ciumenta e capaz de embeber o punhal no sangue do marido. A portugueza, pôde fazer transbordar um mar de lagrimas, mas soffre resignadamente. Não ri por rir, mas chora por desespero. E quanto mais for a sua rustidez, mais

mansa se torna ao contrario das italianas, das inglezas e russas.

Se o nosso intuito fosse fazer uma comparação mais ou menos complexa entre todas as mulheres do mundo, chegaríamos á conclusão que as mulheres portuguezas são das mais virtuosas e dignas d'esse nome.

(Continua).

Cosmopolita.

Adios, niño

(A J. O. F. L.)

Adeus, meu bom amigo, como vae a tua *respeitavel saude*, desde ha 8 dias?

— Menos mal! menos mal! e tu?

— Eu cá vou andando conforme Deus Nosso Senhor é servido, cae aqui, acolá te levantas, assim me vou aguentando ao cimo do torrão que me serviu de berço.

— Então trazes por ahí algumas novidades fresquinhas...

— D'esta vez, poucas! muito poucas! esta semana foi um bocado falha para o assumpto que ha dias vimos tratando e que só tem servido para massar os leitores d'*O Gallito*. Mas como tu sabes, leva *agua no bico* e por isso, os bondosos leitores que perdoem estes *pobres figurões que sem dinheiro nem conquistas* qualquer dia se vão embora para *Alcanhões*—por isso mil desculpas e aparem mais esta grandissima *borracheira*...

— Estava a vêr que não chegavas ao fim do teu discurso! Já me queria parecer que estavamos em plena semana santa.

Diz-me? então não sabes mesmo nada, ácerca dos amores do nosso amigo R. C. N.?

— Sei! mas o caso agora mudou um pouco de figura e é preciso *caluda*; elle não quer que as paredes sonhem o seu ultimo reprehendimento. Eis a razão porque eu de modo algum te posso pôr ao facto do que se tem passado;—e demais tu bem sabes que a tal *iena* a que elle chama *mouro na costa* lê *O Gallito*, prohibindonos assim de mais vastamente fallarmos sobre o assumpto, mas tambem essa tal *fuinha* ha-de ficar bem enrigada com isto tudo, havemos de n'estas conversas armar-lhe tal *ensalsada* que ella quando chegar ao fim nada poderá decifrar.

— E eu então que para isso

me ufano de ter uma certa tática.

— Pois o tal mouro é tão *curtinho* de intelligencia assim como de altura que nem sequer pôde comprehender, que se nós encetamos n'este *jornalinho* esta secção foi só unicamente para o chucharmas e assim defendermos o R. C. N. das siladas, que a elle por mais d'uma vez lhe tentou armar, mas que felizmente devido á pericia do R. C. N. lhe sahiram frustradas.

— Então elle ainda não desistiu?

— Nunca desistirá e diz que o seu amor para com esse ente que adora nunca se extinguirá sendo por tal motivo eterno.

— Ouve cá, tu sabes dizer o que é eternidade?

— Sei! e para provas, ouve: eternidade, é duração sempre presente; é um hoje, que nunca passa; é uma circunvolução de annos que nunca acaba; é um circulo cujo centro é sempre, e a circunferencia é nunca; porque durando sempre, com nenhum tempo se pôde limitar ou terminar. E' uma estavel immortalidade e uma immortal estavilidade...

— Chim pum... *caramba*: confesso-te que não sou capaz de perceber nada do que para ahí estiveste a dizer! é sempre, é nunca... é nunca, é sempre... que grande embroglio tu aranjaste...

O R. C. N. se acaso soubesse isso, era uma desgraça! Matava-se para nunca ó sempre, ó sempre, ó nunca.

— Tu fazes n'isso uma admiração que parece já te teres esquecido por completo da combinação feita, afim de dármos com o tal *mouro na costa* em doido.

— Ah! agora me lembra, o dito... dito...

E até á primeira...

— Olha, não te esqueças de dar recommendações ó é nunca, é sempre, é sempre, é nunca e... um aperto de mão do teu *leal* amigo.

Aveiro, 8 de junho de 1906.

X.

ALBERTO SOUTO RATÓLA

Paz, Patria e Iberismo

PREÇO 150 RÉIS

A' venda nas livrarias de Aveiro.

ILHAVO, 8 DE JUNHO

O grande acontecimento pelo qual deixou de sahir o *Nada*, não foi nada mais nem menos que um reclame feito ao director do pasquim. Quem tem um pouco de censo, não se ridicularisa assim, nem faz das coisas serias brodio para os outros se rirem.

Esperamos a publicação de todas as cartas de felicitações e telegrammas, pelo fausto acontecimento.

Não seremos nós, que por agora, lhe vamos pedir contas do seu logro. Esperamos firmes no nosso posto, todas as babuseiras para depois as apreciarmos debaixo da nossa critica causticante, e então se verá quem é que se rebaixa até ao ponto de cahir no mais ridiculo a que o homem pode chegar.

— Sabbado ultimo, foi para Ilhavo um dia cheio; festas, dansas, musica, repiques de sinos, foguetes, o diabo. Logo alta madrugada, se sentia pelas ruas da villa um certo movimento de trens. E como a curiosidade nos desperta sempre ainda que isso nos faça perder o apreciavel somno da manhã, lá fomos vêr o que havia de anormal que tanto ruido produzia.

O que havia ser?—o que imaginam os nossos leitores o que era?—nada mais nem menos que o espectáculo annuciado pelo *Nada*, um dos transe mais perigosos da vida, em que o homem deixa de ser livre, para se *algemar* ao cumprimento que nos impõe a sociedade. O caso de persi, era serio, mas o reclame era proprio d'um egoista, d'um vaidoso inmerito. Mas vamos adiante:—Os rafanos, que na villa são como as formigas, ao ouvirem as primeiras badalladas nos sinos da torre da igreja parochial, correram acclamar o heroe da festa e elle todo repimpado, todo senhor do seu papel, agradecia á rapasiada como se fosse seu rei. Que dia feliz, que dia tão solemne, dizia elle. Pois haverá alguém na villa que não sinta a raiva manifestar-se ao vêr-me collocado no rol das pessoas serias. Oh! com mil raios, agora é que todos os meus inimigos vão vêr o que é ter importancia. Quando lerem o meu *Nada*, ficarão mais chatos que um prato ao virem quantos amigos tenho por esse mundo, pois publica-

rei todos os bilhetes postaes que receber, e ainda uma boa duzia d'elles escriptos por mim e para mini. O que pesso á Providencia, é que me dê inspiração para fazer alguma coisa em termos e de forma que elogiando-me, não vá insultar os outros, evitando assim que o *Gallito* me tome severas contas do meu proceder.

E assim ia o *grande heroe* pelas ruas da villa cercado da rapasiada emquanto que eu mal dizia do tempo perdido, e que muito melhor andaria o terme deixado ficar em *vál de lençoes*.

O *cortejo*, dirigiu-se para o «Val d'Ilhavo», onde dias antes um sujeito de aspecto sombrio, gago, com ares de esperto perguntava de porta em porta:—não me dizem onde poderei encontrar uma casa para um casal composto de duas pessoas? (textual).

Do que lá se passou, sabelo-hão os nossos leitores para a semana, se a isso nos obrigar o protagonista da comedia.

Xisto.

Agradecimento

Os artistas dramaticos de Lisboa, abaixo mencionados, vêm por este meio agradecer e fazer publico o seu reconhecimento para com a dignissima direcção do Club dos Gallitos, pela maneira tão solícita e captivante como foram tratados e pela cedencia do dito Club para um sarau que os mesmos artistas realisaram na passada segunda-feira, 4 do corrente. Eguamente agradecem muito especialmente á actriz D. Marianna Ribeiro, que da melhor vontade se dignou abrihantar o referido sarau, assim como aos actores Pinheiro e Joaquim Nogueira.

A todos os dignos cavalheiros e collegas acima mencionados desejam mil felicidades, ficando-lhes summamente gratos.

Bertha de Souza

Pedro de Souza

Armando de Souza.

CHARADAS E ENYGMAS

1.^a

Com vacca posso ser doce.
Com pá sou um agasalho.
Com um pote dou abrigo,
se descanças do trabalho.—1

Com uma nota de musica
sou ave toda ternura.
Ser posso com uma syllaba
emblema da formosura.—1

Sou um nome feminino,
pouco usado em Portugal.
E, tendo fé antes d'elle,
é um traidor animal.—2

Gosto bem de uma pequena, que este lindo nome tinha, poeta desconhecido, que lhe fez certa modinha.

2.^a

Porque será, meu gatinho, que assim estás a fazer? Algum malvado bateu-te, ou tu desejas comer?—2

Talvez a segunda parte d'esta tão facil charada te desejasse ir ao pello, por estar accentuada.—1

Mas o gatinho morrera e no monturo ficou: Como não foi enterrado, o todo logo causou.

3.^a

Na musica podes vêr-me.—1
Em quanto ao som estou lá.—1
E, se alguém está contente, logo a terceira fará.—1
Egual a esta é a quarta e ninguem o negará.—1

Como os cafres têm receio dos dentes dos jacarés, vão untar-se com tal herva da cabeça até aos pés.

4.^a

O meu gato por zangado ou com mimo assim fará.—2
Se esta não tem importancia, d'ella não se fallará.—2

Faz tão grande gritaria toda junta a gataria.

5.^a

Se esta primeira repito, trato com mimo a filhinha.—1
Se esta segunda repito, faço medo á criancinha.—1

Aos seus tregeitos graças achando, com tal pequeno estou brincando!

(Aveiro).

R. de Q.

Noticiario

Theatro Lisbonense.—Teve logar na passada quinta-feira a recita em beneficio dos pequenos artistas Ricardo Gabriela e Carolina Santos, filhos dos sympathicos e apreciados artistas Lola e Santos, tendo subido á scena a engraçadissima e apparatusa operetta o *Recrutamento na Aldêa*, o arreglo á revista do anno *Pois sim... Rala-te!!* e varias cançonetes pelas beneficiadas. O espectáculo não podia tirar mais exito, nem os novos artistas podiam ser mais apaludidos, havendo por varias vezes chamadas especiaes aos futuros actores. As beneficiadas receberam muitas prendas das suas numerosas amigas e companheiras de collegio, onde ellas em cada uma encontram uma

verdadeira e arreigada amiga. Escusado será dizer-se que tiveram uma casa á cunha e que todos os espectadores vieram de veras imprecionados com a maneira correcta com que os pequenos se houveram no desempenho dos seus papeis. Emfim, uma bella noute que alli se passou.

Hoje haverá espectáculo ás horas do costume.

Novamente chamamos a attenção da empreza, para a forma como está sendo feita a fiscalisação das cadeiras, afim de se poderem cohibir alguns abusos e que pela certa podem dar algumas desordens.

Mais vale prevenir... que remediar.

Linha do Valle do Vouga.—Os snrs. Jayme de Magalhães Lima, Conde d'Agueda, Ricardo O'Neill, Seabra de Lacerda, Proença Vieira e João Magalhães, conferenciaram ha dias com o sr. Presidente do Concelho e o sr. Ministro das Obras Publicas, os quaes pediram a suas Ex.^{as} a immediata construcção da linha ferrea do Valle do Vouga. Ambos os ministros prometteram tratar com todo o empenho do assumpto e da forma a tornar realisavel tão importante quão util melhoramento.

Por nossa parte acompanhamos aquelles cavalheiros em prol de tão preciso beneficio.

Marianno Carvalho.—São passados alguns mezes e o celebre rebocador *Marianno de Carvalho* ancorado no Porto, com a mesma molestia com que d'aqui sahira barra fóra.

Achavamos de verdadeira urgencia a immediata compostura d'aquelle rebocador, senão... deixam-no crear raizes e... era de uma vez um rebocador.

Ha já quem diga e com justissima razão, que elle só apparecerá para as kalendas gregas, mas nós por emquanto ainda lhe não perdemos a esperanza, porque vimos como chefe do partido regenerador liberal n'este districto, um cavalheiro por quem temos o maximo respeito e consideração e n'elle confiamos.

Distincção.—Acaba de fazer exame para pharmaceutico o nosso querido amigo Alfredo Osorio, onde devido á sua incontestavel dedicação ao estudo obteve a classificação de distincto.

Os nossos sinceros parabens.

Excursão.—Os *sportmans* muito conhecidos n'esta cidade a que no nosso ultimo numero nos referimos, continuam os seus agradaveis passeios no rio, resolvendo-se hoje a fazer o percurso de Agueda a Aveiro, pelas pittorescas margens do rio Agueda.

E' gosar! E' gosar! Que esta vida são dois dias.

Pergunta.—Então os homens são *chupados* fóra ou não?

Uns querem móca e móca a valer... outros querem mettel-os na cadeia...

Arranjem lá isso... nós cá estamos á espera. Agora franqueza, franquezinha, — andam sempre com isso na bocca e a respeito d'obras, trez vezes nove... Não concordamos com isso. O que se tem a fazer, faça-se.

Se nos perguntarem a nossa opinião sobre o assumpto, receiptamos-lhe *limocero*, ou então viagens pagas para... *Angeja*, quer dizer—para *Timor*,

*Ora viva a pandega,
Olé, olé,
Como esta pandega
Não ha, não ha.*

Rapaz para commercio.—Acceita-se um, que dê boas informações e pertença a familia decente.

Para contratar n'esta redacção se diz.

Ou então proposta em carta fechada dirigida a esta redacção com a iniciaes A. S.

ANNUNCIOS

Typ. da VITALIDADE
LARGO DO ESPIRITO SANTO - AVEIRO

ESTA officina, recentemente montada á altura das primeiras casas da provincia, executa-se todo o trabalho typographico, para o que tem pessoal competente habilitado, e o material indispensavel, todo novo, vindo directamente do estrangeiro e uma excellente machina **MINERVA**, da casa Bohn & Herber, Wurzburg, (Allemanha).

As typographias

Vende-se um prélo que mede de interior da rama 50×38 e uma minerva de alavanca que mede de interior da rama 33×22, ambos em optimo estado e que são vendidos unicamente por o seu dono ter feito acquisição de uma machina de maior formato.

Para vêr e tratar, na *Typographia MINERVA CENTRAL*, em Aveiro.

A's officinas de calçado

José Migueis Picado, com officina de calçado na rua d'Alfandega, em Aveiro, participá ao publico, e em especial aos seus collegas, que tem deposito de cabedaeas de todas as qualidades e mais utensilios pertencentes á arte de sapateiro, que vende quasi peios mesmos preços dos do Porto.

Ourivesaria e relojoaria

Pompilio Ratolla
Rua de José Estevam

AVEIRO

Variado sortido em objectos d'ouro e prata, e relogios.

Estojes para brindes, e chrystaes guarnecidos a prata. Castões para bengalas, etc.

Relogios de todos os gostos e preços.

Concertos em relogios, ouro e prata.

Completo sortido de oculos.

Compra ouro usado.

Estabelecimento de mercearia

DE

Manoel dos Santos Alexandre

Rua de Sá

Este acreditado estabelecimento expõe á venda o bom vinho tinto, de meza, da casa Couceiro, de Casal Comba, pelo modico preço de 40 réis o litro, varios generos alimenticios, etc.

Azeite doce de Castello Branco, e a celebre farinha Nestel.

Aguardente de vinho e de cereaes, de excellente qualidade, e para revender.

ANNUNCIO

Vende-se um palheiro de construcção mixta, com cerca, poço e pertenças, sito á beira da estrada da Costa Nova, n'um dos melhores pontos, onde podem habitar trez familias e proprio para montar negocio.

Quem o pretender dirija-se a Casimiro Ferreira da Cunha, de Ilhavo.

OURIVESARIA E RELOJOARIA
SOUTO RATOLLA
AVEIRO

Grande sortimento em objectos d'ouro e prata: especialidade em estojes para brindes. O primeiro estabelecimento em relogios d'ouro e prata.